

Onde é que o hoje se encontra com ontem? Perguntámos a várias pessoas escolhidas por amostragem que julgamos metodologicamente inatacável. Obtivemos as respostas (não estruturadas) que a seguir transcrevemos de forma sucinta:

Velho do Restelo: *Ontem*
Sócrates: *Na pergunta*
Rousseau: *Hoje*
Fernando Pessoa: *Na Hora*
Copérnico: *In «De revolutionibus orbium coelestium»*
Wittgenstein: *No o e no e.*
Teresa de Ávila: *No corpo*
Nietzsche: *Na obra de Foucault*
Bartolomeu de Gusmão: *No chão*
Pedro, o Grande: *Em São Petersburgo*
Solomon Guggenheim: *No museu*
Hegel: *Amanhã*

Todas as respostas estão rigorosamente certas, se referidas a quem as proferiu. Sem tal referência, não têm qualquer rigor, nem sequer sentido. Mas se todas são verdadeiras e únicas em sua referência, como compará-las? Como validar as hipóteses e universalizar os resultados para fora delas? Não é possível, respondeu Lazarsfeld. Consultámos outros homens de virtude. Terminámos em Don Juan, o índio, que entre várias e prolongadas puxadas no cachimbo diagnosticou: «Se todas são verdadeiras e únicas, cada uma conterà as restantes, todas de modo diferente. Universalizam para dentro». Por qual optar? — perguntámos. «Pela que estiver mais próxima da vossa estratégia do momento».

Pensámos na nossa estratégia científica e expositiva do momento. Optámos pela resposta de Pedro, o Grande: São Pe-

tersburgo. Pedro I sonhou, os pedreiros suaram, a obra nasceu. Pedro queria abrir no mapa da Rússia uma enorme janela virada para a Europa. De costas para Moscovo. Não bastavam ideias. Eram precisas pedras. Começou a obra em 1703 nos pântanos do Neva. Ordenou que todos os pedreiros da Rússia viessem trabalhar na cidade. Proibiu a construção em pedra em qualquer outro lugar da Rússia. Impôs a muitos nobres a mudança para São Petersburgo sob pena de perderem os títulos. Nos primeiros três anos, morreram ou ficaram incapacitados cento e cinquenta mil operários, mas dez anos mais tarde havia trinta e cinco mil edifícios construídos e vinte anos mais tarde a cidade tinha cem mil habitantes. Uma cidade moderna. Geométrica. Os estilos russos tradicionais foram proibidos. Fachadas ocidentais. Por trás delas, o uso do solo não estava sujeito a qualquer regulamentação.

Porquê São Petersburgo? São Petersburgo é um conceito que se apropria da massa informe e cria os factos em que se funda. É uma teoria que transborda em prática. É uma ordem. São Petersburgo é o inconsciente das ciências sociais. A metáfora do desejo científico de permanência e transformação. Petersburgo é um Comte de pedra. A orgulhosa ocultação da desordem.

Desde que se conhecem (tão bem quanto conhecem tudo o resto?) as ciências sociais vivem desse sonho petersburguiano da violência conceptual sobre o que existe, da captação exaustiva da ordem, da transformação social exacta sob o comando da teoria heróica. Mas, desde a mesma altura, as ciências sociais vivem igualmente do pesadelo petersburguiano, a angústia da repressão, o medo do contraste com tudo o que fica para lá dos arrabaldes, atrás das fachadas, o pânico de que os conhecimentos sejam tão irrelevantes quanto as extravagâncias rococó, tão vulneráveis quanto o Palácio de Inverno, tão inacabados quanto a tradução da Encyclopédie de Diderot, suspensa na letra k.

Serão os conceitos fachadas? Não necessariamente. Mas há quem julgue que os factos com c de cão não são dignos, por essa razão, das ciências humanas. Serão os conceitos de pedra? Não necessariamente. Embora alguns lembrem o brilho gélido do Cavaleiro de Bronze com que Puchkine simbolizou a cidade.

As ciências sociais vivem, pois, entre a exactidão do conceito e a relevância da prática, entre o sonho e o pesadelo de São Petersburgo. Confortavelmente? Não, mas também não catastroficamente. Uma espécie de doença ocupacional tão perturbadora e natural como a poluição do Rossio.

É esta a tensão que, em nosso ver, melhor penetra nos processos das colaborações principais deste número. Os artigos

de Afonso de Barros e Erik Olin Wright são dois esforços, ambos notáveis, de exactidão conceptual, de captação teórica. Persuasivamente, trazem ao redil sereno da ciência realidades rebeldes, práticas tempestuosas, processos históricos, dramas políticos que, entre outros, dão pelo nome de reforma agrária e de classes sociais. O que fica por vestir nestes conceitos? O necessário para, enquanto cientistas sociais, recebermos o sonho e o pesadelo do testemunho. O artigo de António Gama pergunta mais detrás, pela formação disciplinar dos conceitos (no caso, a Geografia), alertando-nos para a necessidade de conhecer as circulações originárias dos conhecimentos em que se vieram a implantar (reduzidamente) as disciplinas científicas.

Mas este número oscila entre a exactidão conceptual e a relevância da prática. Os artigos que integram o dossier do cooperativismo representam a nossa responsabilidade política, enquanto cientistas sociais e cidadãos, de intervirmos numa prática social, o movimento cooperativo, cujas limitações procuramos reconhecer, cuja prática transformadora procuramos promover, cuja genuinidade procuramos defender.

Entre o sonho e o pesadelo, permanecemos acordados.